



ATELIÊS DE PESQUISA E DIÁRIO DE BORDO ON-LINE COMO DISPOSITIVOS FORMATIVOS E AUTO FORMATIVOS¹

Ana Lúcia Gomes da Silva²;

Resumo:

O texto apresenta resultado de pesquisa e experiência pedagógica realizadas através do uso do diário de aula virtual em parceria da universidade com a educação básica. Como objetivo central buscou-se evidenciar por meio de narrativas articuladas à teoria a potência do diário de aula/de pesquisa virtual e do Ateliê de Pesquisa como dispositivos formativos e auto formativos de professores/as-pesquisadores/as. Como resultados evidenciou-se que o conhecimento experiencial é um conhecimento científico e social produzido pelo saber pedagógico dos docentes e discentes. Ampliaram ainda nossa compreensão sobre a pedagogia feminista cujas práticas político-pedagógicas plurais potencializam nossas ações para as questões de gênero, raça, consideradas como categorias analíticas para uma educação libertadora.

Palavras-chave: Ateliês de Pesquisa; Diário de aula/pesquisa on-line; Plataforma Trello; Pedagogia feminista; Universidade/Educação Básica.

Notas sobre o tema da pesquisa e experiência realizadas

O presente trabalho tem como objetivo apresentar resultado de pesquisa e experiência pedagógica realizada através do uso do diário de aula virtual no componente curricular Pesquisa Aplicada à Educação II – PAE II, ministrada pelas docentes Ana Lúcia Gomes da Silva e Juliana Salvadori, no semestre 2019.1, no Programa de Pós Graduação em Educação e Diversidade – PPEd da Universidade do Estado da Bahia, Campus IV – Jacobina – BA. Deste modo, buscaremos evidenciar por meio de narrativas articuladas à teoria a potência do diário de aula/de pesquisa virtual e do Ateliê de Pesquisa como dispositivos formativos e auto formativos de professores/as-pesquisadores/as. Além disso, apresentar como o Ateliê de Pesquisa foi articulado a este processo de experiência de pesquisa na parceria universidade e Educação Básica.

1 Artigo apresentado ao Eixo Temático 1: Educação e Comunicação na Cibercultura, do II Encontro Regional Norte-Nordeste da ABCiber.

2 Professora titular da Universidade do Estado da Bahia. Pós-doutora em Educação pela UFTM e líder do Grupo de Pesquisa DIFEBA. Pesquisadora do Grupo de Pesquisa Docência, Narrativa e Diversidade- DIVERSO. E-mail: analucias12@gmail.com



Redes Educativas e os desafios atuais da Cibercultura

21 a 22 de novembro de 2019 - Aracaju - SE

Queremos destacar que ao tratar da docência e dos saberes a ela requeridos, situo que a nossa entrada nesta discussão se apresenta através da concepção da docência como profissão: interessa-nos falar da profissão docente tendo como centralidade a diversidade como princípio formativo. A diversidade nos interroga e nos suscita novos modos de ser e estar na docência, pois nos convoca a refletir sobre as dimensões da nossa formação. De acordo com Carlos Loureiro (2001) a crise de identidade da profissional fez surgir a necessidade de transformar a docência numa verdadeira profissão que nos permita ter um estatuto social e ocupacional elevado que possa nos conduzir pela força do coletivo docente a melhores escolas e conseqüentemente, a reflexividade das nossas práticas docentes. Carlos Loureiro (2001) também atenta, por outro lado, para os códigos que regem a docência como profissão e afirma que:

[...] apesar da sua autonomia funcional o controle funcional não é assegurado nem pelos professores nem pelas organizações que as representam. Regras estas, impostas pela Igreja e depois pelo Estado, portanto, exterior à classe como instituições mediadoras das relações externas e internas da profissão docente. [...] A mistura dos planos político-administrativo e ético-pedagógico não é inocente, na medida em que esta indistinção não apenas apresenta uma desvalorização dos aspectos éticos como enfraquece a autonomia dos profissionais em matérias que deveriam decorrer da sua reflexão e expressar a sua vontade, veiculando um tipo de profissionalismo exterior ao grupo. (LOUREIRO, 201, p.72).

É neste ponto acerca da nossa autonomia e ética que queremos insistir, pois a despeito do que nos apresenta o autor sobre as forças externas sobre a profissão para realizar o controle e definir matérias sobre nós sem nossa escuta, nossa voz, desvalorizando nosso saber e fazer específico da profissão, por outro lado, a força do coletivo nos apresenta ricas possibilidades de realizarmos o contra poder tomando a escola como lócus da formação em exercício considerando as demandas dos/as docentes, discentes, gestores/as, técnicos/as que gestam o território escolar cotidianamente. Nosso entendimento é que a formação em exercício faz parte do desenvolvimento profissional docente, e dessa formação decorre parte das práticas pedagógicas adotadas pelos docentes em sua atuação no contexto escolar. Haja vista que, conforme nos aponta Nilda Alves (2002), a formação precisa ser compreendida num contexto que sempre é plural e traz nesse bojo os desafios da profissão em suas múltiplas dimensões, a saber: o das propostas oficiais, os das práticas pedagógicas cotidianas, das culturas vividas e



Redes Educativas e os desafios atuais da Cibercultura

21 a 22 de novembro de 2019 - Aracaju - SE

os das pesquisas em educação. Nestas culturas a diversidade é central, por ser parte da natureza humana e por isso mesmo nos desafia a agir, pensar sobre ela e nos mover nas aprendizagens que são requeridas a nós, para atuarmos neste cenário contemporâneo.

A dimensão da diversidade que tratarei nesta narrativa é da diversidade socioeducativa através do uso dos diários de bordo/de pesquisa on-line como registro potente para a circularidade da experiência através dos Ateliês de Pesquisa, utilizando as tecnologias digitais de informação e comunicação como potencializadoras do diálogo e registro em rede colaborativa. Queremos reivindicar o conhecimento científico e social produzido pelo saber pedagógico dos docentes e conferir esta cientificidade no campo da educação como tem sido feito por pesquisas qualitativas que tomam a docência como profissão, “reconhecendo seus saberes específicos emergentes das perspectivas interpretativas e críticas, mais sensíveis à especificidade dos contextos, e da renúncia das bases científicas perseguidas pela investigação behaviourista”.(LOUREIRO, 2001, p.73)

Deste modo, ao convidarmos as docentes colaboradoras da pesquisa e as mestrandas a experimentarem a plataforma Trello³ como extensão da sala de aula presencial, tomamos a concepção de educação on-line dos autores Edméa Santos e Marco Silva (2009), ao afirmarem que:

Fazer educação on-line não é o mesmo que fazer educação presencial ou a distância via suportes tradicionais como materiais impresso, rádio e TV. Exige metodologia própria que pode, inclusive, inspirar mudanças profundas na chamada “pedagogia da transmissão”, que prevalece particularmente na sala de aula presencial. A modalidade on-line favorece educar com base no diálogo, troca, participação, intervenção, autoria, colaboração. O computador conectado dispõe de recursos capazes de sua potencialização. (SANTOS, SILVA, 2009, p. 126-127).

Este movimento metodológico de troca e colaboração se fez ao longo do semestre tendo como centralidade o favorecimento da autoria, da intervenção docente, dos colaboradores da pesquisa e discentes, nos debates para a elaboração dos diários de aula/pesquisa. Deste modo, nosso objetivo ao narrar nossa experiência com os diários de

³Ferramenta utilizada para organizar projetos pessoais e corporativos, que funciona como um painel de gerenciamento de projetos e permite personalizar os fluxos de trabalho e estudo para uso pessoal ou coletivo.



Redes Educativas e os desafios atuais da Cibercultura

21 a 22 de novembro de 2019 - Aracaju - SE

aula/de pesquisa on-line, é refletir sobre os significados da aula e do ato de educar como ato de corresponsabilidade, dialogicidade e em rede colaborativa, cuja horizontalidade das relações é de responsabilidades do coletivo: docentes e discentes. Defendemos os usos das múltiplas linguagens nas práticas pedagógicas na contemporaneidade porque objetivamos o posicionamento crítico sobre esses usos a favor do ensino com pesquisa com ato formativo e auto formativo entre sujeitos cognoscentes. Sujeitos estes, atravessados por seus marcadores de gênero, raça/cor, classe social, sexualidades. Em outras palavras, sujeito de linguagem não é qualquer um, pois, como nos diz Moita Lopes (2010), tem sexo, gênero, idade, ou seja, é um sujeito situado, cujo lugar de fala se caracteriza em seus textos.

A turma em questão, do Mestrado Profissional em Educação e Diversidade traz em sua marca a relação de gênero, raça/cor por constituir-se de uma turma de (13) treze mulheres, denominada “Turma Lula Livre”, atravessada por estes marcadores. Deste lugar de fala, a rede de solidariedade se fez potente, encarnada. Este dado nos chamou atenção somente ao começar a receber os *feedbacks* das estudantes sobre nossa prática pedagógica, através dos diários de bordo/de pesquisa e nos darmos conta da marca do nosso fazer na perspectiva da epistemologia feminista, pois esta se caracteriza pela prática pedagógica centrada na coletividade, nos saberes gestados visando oportunizar o empoderamento dos sujeitos, do cuidado como *ethos* da confiança em que se fia junto, tece o conhecimento sem dar centralidade ao protagonismo docente, e sim, ao coletivo. Docentes e discentes tecendo conhecimento em rede colaborativa, solidária, horizontalizada. A nossa prática pedagógica então se caracterizaria como uma pedagogia feminista? É a esta questão investigativa que pretendemos responder através das narrativas registradas nos diários on-line.

Para Cecília Sardenberg a pedagogia feminista é definida como um

[...] conjunto de princípios e práticas que objetivam conscientizar indivíduos, tanto homens quanto mulheres, da ordem patriarcal vigente em nossa sociedade, dando-lhes instrumentos para superá-la e, assim, atuarem de modo a construir a equidade entre os sexos. (SARDENBERG, 2011, p. 17).

Assim, a referida autora amplia nossa compreensão ao afirmar que uma pedagogia feminista é comprometida e alicerçada de distintas ferramentas que oportunizam o empoderamento, a leitura crítica da realidade e das relações, cujas práticas político-



Redes Educativas e os desafios atuais da Cibercultura

21 a 22 de novembro de 2019 - Aracaju - SE

pedagógicas sejam plurais e objetivem a sensibilização social para as questões de gênero. Integram as pedagogias críticas ou alternativas, e compõem diferentes ferramentas para uma educação libertadora. (SARDENBERG, 2011, p. 18).

A cartografia como método: a política da narratividade e os dispositivos Ateliês de Pesquisa e diário on-line

Nossa escolha pela concepção de dispositivos na pesquisa realizada foi inspirada nos estudos de Deleuze (1996), pois os concebe como meadas com fios de naturezas distintas que, lançados em campo, tomam contornos heterogêneos diante do objeto de estudo. Tendo em vista esses preceitos, operacionalizamos as narrativas nos diários on-line na plataforma Trello e os socializávamos nos Ateliês de Pesquisa de modo a traçar mapas em aberto, que podem ser rasgados, revertidos, e adaptados a montagens de qualquer natureza, para um indivíduo, um grupo, uma formação social. Partimos do pressuposto teórico de Ateliê de Pesquisa a partir dos autores Filho (2016) e Filho e Silva (2015) que destacam nesse dispositivo a construção coletiva de dados num espaço formativo que toma o cotidiano escolar para problematizar e refletir, coletivamente, sobre as práticas, bem como formar professores/a em exercício para o trato com a temática, tornando-nos, com nossos colaboradores, cartógrafos, no movimento de nos pôr em análise por meio de nossas práticas pedagógicas.

No Ateliê de Pesquisa dialogamos com o conceito de prática pedagógica na perspectiva da pedagogia feminista apresentado neste artigo pelas autoras Zuleide Paiva e Cláudia Cardoso, (2011), assim como por Cecília Sardenberg. (2011), esta última, já apresentada anteriormente. As autoras, Claudia Pons Cardoso e Zuleide Paiva da Silva, (2011) focalizam a escola como um lugar de produção e reprodução das desigualdades, inclusive as de gênero e apresentam as pedagogias feministas como caminhos adequados para a formação de docentes mais conscientes dessas tramas e capazes de fugir de suas armadilhas. Para as autoras, [...] toda/ docente orientada/o pela pedagogia feminista compreende que ensinar não é transferir conhecimento, que ensinar exige risco, aceitação do novo e rejeição a toda forma de preconceito. (CARDOSO, SILVA, 2011, p.58).

Arriscamos, pois a analisar a nossa prática pedagógica num movimento de reflexividade da prática e também pelas lentes das narrativas das mestradas, movida pelas buscas de outras práticas pedagógicas que se façam cada vez mais potentes, emancipadoras e



Redes Educativas e os desafios atuais da Cibercultura

21 a 22 de novembro de 2019 - Aracaju - SE

que rejeitam todas as formas de preconceito e discriminação. Afinal uma prática pedagógica é sempre intencional, política, marcada pela organização de processos didático-pedagógicos que buscam assegurar as aprendizagens e oportunizar que os sujeitos construam seu empoderamento no coletivo heterogêneo.

Ao ler os excertos dos diários de aula/pesquisa a seguir, convidamos os leitores/as a responderem a esta pergunta reflexiva que me faço e que com ela me ponho a pensar nesta experiência que me (des)loca e enriquece como docente em permanente formação do seu desenvolvimento profissional. Por isso, as narrativas apresentadas a seguir, se configuram com diálogos que potencializam o nosso pensamento e nos convida a romper fronteiras, requer que aceitemos o convite-desafio de Deleuze (2006),

[...] O pensamento acontece quando do encontro com signos que nos afetam, que potencializam nosso corpo e mobilizam ativamente sua própria atividade como marca de afetação. Desse modo, aprender seria “tão-somente o intermediário entre não-saber e saber, a passagem viva de um ao outro” (DELEUZE, 2006, p. 238).

Feito o convite-desafio no diálogo com Deleuze Guattari, que nos afeta nesta narrativa que nos convoca a eleger e refletir sobre nossa prática pedagógica em contexto de diversidade, passemos as narrativas das estudantes através dos diários de aula/pesquisa. A narrativa da estudante Laís Abreu⁴ inicia refletindo acerca do diário como possibilidade de escrita autoral e dispositivo de pesquisa.

Agora, 27 de agosto de 2019, me deparo com dois textos incríveis sobre as concepções dos diários de bordo e as potencialidades dos diários on-line na pesquisa formação. Existe uma teorização articulada sobre as possibilidades de praticar a escrita em diários e a sua utilização enquanto dispositivo de pesquisa para articular formação, heteroformação e conformação por meio do compartilhamento de sentidos nas interações assíncronas. As diversidades das narrativas de quem tem coragem de praticar atos de diário (do rascunho ao elaborado; do elaborado ao comentado) possibilitam interrogações multifacetadas acerca

⁴ As estudantes autorizaram o uso dos nomes delas ao invés de pseudônimos, corroborando com o processo de coautoria e colaboração coletiva tecidos ao longo do semestre.



Redes Educativas e os desafios atuais da Cibercultura

21 a 22 de novembro de 2019 - Aracaju - SE

das questões de pesquisa emergindo possibilidades de produção de subjetividades, intersubjetividades e coprodução do conhecimento pautado num ethos comum. (EDMÉA SANTOS e ALINE WEBER, 2018). Deste modo, não foi à toa a proposição das relatorias das rodas pelas docentes de PAE II.

Imersa nas leituras dos diários de aula/pesquisa nos inspiramos no método cartográfico para realizar a análise de algumas narrativas dos diários on-line, e apresentar algumas destas características citadas em nosso conjunto de ações no transcorrer das aulas, das orientações, dos Ateliês de Pesquisa, construídos literalmente num fazer/saber⁵ solidário e emancipado. Isso se relaciona com o processo da pesquisa cartográfica. Segundo Barros e Passos (2015, p. 172), “o trabalho da pesquisa deve ser sempre acompanhado pelo registro não só daquilo que é pesquisado quanto do processo mesmo do pesquisar”. O registro, assim como todo o processo de produção dos dados da pesquisa, é processual e se complementa no processo de restituição por meio de uma narrativa: “O registro do processo interessa porque inclui pesquisados e pesquisadores. [...] O texto a ser restituído aos diferentes intervenientes permite a ampliação e publicização da análise que se cruzam no trabalho de pesquisa”. (BARROS e PASSOS, 2015, p. 172).

Esse exercício do diário tem contribuído para percebermos a nossa caminhada – o processo de ensinar e pesquisar concomitantemente, conforme destacam Barros e Passos (2015). Deste modo, a seguir, apresentamos trechos dos diários e seus sentidos construídos acerca das potências desta escrita e das aprendizagens advindas, apontando para a caracterização de uma pedagogia feminista em que docentes e discentes narram suas experiências e as socializam nos Ateliês de Pesquisa, a fim de que os pares através da leitura e escuta sensível, apontam sugestões aos textos do diário, visando: potencializar a escrita, dando centralidade a alguns aspectos, explicitando com clareza e estofamento teórico alguns conceitos de modo a teorizar a narrativa e destacar nela a experiência que elege narrar como a que toca, marca e desloca suas aprendizagens como docentes-pesquisadoras.

Os diários virtuais de aula/de pesquisa virtual e o Ateliê de Pesquisa como dispositivos de aprendizagens em rede

⁵Expressão composta escrita junto como nos ensina Nilda Alves para demarcar o não fragmentado e polarizado, dicotômico nas práticas pedagógicas e nas ações docentes no cotidiano escolar.



Redes Educativas e os desafios atuais da Cibercultura

21 a 22 de novembro de 2019 - Aracaju - SE

As narrativas a seguir apresentam em suas escritas os sentidos atribuídos pelas autoras aos seus percursos formativos como pesquisadoras, como estudantes, como docentes que ao tecerem sobre a escrita do diário, perceberam suas potencialidades, limites, apontando ainda como os novos conceitos estudados ao longo do semestre fizeram sentido e como foram apreendidos. Não analisaremos as escritas, lançaremos pistas, pois elas apresentam pelos conteúdos e reflexões autorais, indícios para a pergunta que objetivamos responder ao longo deste texto: A nossa prática pedagógica se caracterizaria como uma pedagogia feminista? Pretendemos responder através das narrativas registradas nos diários on-line, dos quais apresentamos trechos para a análise do leitor/a que como coautor/a tece também este texto polifônico e cartográfico, marcado por fios de confiança tecidos na docência que nos interpela continuamente. Apresentamos a seguir mais um trecho da narrativa do diário on-line de Laís Abreu.

Percebemos que de fato não sabíamos muito, mas percebemos que também sabíamos. Trazemos um saber raiz, de base, e aprendemos a partir do que nos constitui e do temos construído até chegar aqui. Contudo, na primeira roda de leitura ficamos receosas de falar. Percebi que as professoras falaram mais que as alunas... Mas tenho aprendido com a cartografia que vamos nos constituindo pesquisadoras no fazer, na processualidade dos acontecimentos, nas idas e vindas, na não linearidade dos nossos modos de perceber o mundo e construir conhecimentos. É um processo sempre em devir (KASTRUP, 2015).

Destaco que todos esses conceitos que tenho utilizado – pesquisa processual, devir, rizoma, território, desterritorialização, territorialização – são frutos da vivência e estudos com a orientadora Ana Lúcia do método cartográfico. Percebo que já fui contagiada positivamente por tais – porque na verdade eles já faziam parte de mim. Pesquisa também é autoconhecimento.

Mas voltando a falar dos receios, penso que de início é normal. Somos mulheres ocupando um espaço que demorou chegar para nós. A gente chega a pensar que não vai dar contadas inúmeras atribuições que teremos que cumprir conciliadas às demandas de trabalho, família, vida pessoal... Com a solidariedade - que é uma característica peculiar da



Redes Educativas e os desafios atuais da Cibercultura

21 a 22 de novembro de 2019 - Aracaju - SE

nossa turma -, vamos vencendo medos, nos fortalecendo e ocupando esse espaço acadêmico que muitas das que vieram antes de nós não puderam acessar.

[..]

Assim, vejo que o diário é uma memória, diz quem somos e quem podemos nos tornar. Fala da nossa capacidade de articular o vivido e vislumbrar o que podemos não viver a partir da memória experienciada. Veio-me a vontade de escrever isso ao puxar essa memória e assim o fiz.

Estudante – Rita de Cássia

Durante o período de 30/03/2019 a 08/04/19 foi proposta uma estratégia alternativa de discussão temática com o uso do aplicativo Trello. Neste período foi debatido o tema Pesquisa Qualitativa, quantitativa e quali- quanti, mediado pelas mestrandas Adailce e Antônio Euza e relatada por Vanessa e Albertyvania. Neste momento emergiu reflexões sobre a pesquisa qualitativa, quantitativa e quali- quanti e como o pesquisador está envolto como sujeito multicultural que leva para a pesquisa suas histórias, visões, valores e subjetividade baseados nos pressupostos filosóficos (ontológicos, axiológicos, epistemológicos e metodológicos) que alicerçam todo o percurso investigativo visto que não existe definição objetiva nem neutra da ciência. Conotando cada vez mais a necessidade da reflexão de um domínio técnico das ferramentas metodológicas para a construção dos resultados da pesquisa e da diferenciação e perigos do trabalho em pesquisas engajadas e interventivas trazendo compreensões sobre os nossos caminhos de pesquisa.

[...]

Avaliação Geral: As aulas de PAE 2 trazem além do conhecimento necessário com a discussão teórica, proporcionam um rico debate e troca de experiências e orientações que acalentam nossas inquietações e inseguranças. Esse momento de compartilhamento de dúvidas e inseguranças é de extrema relevância até para o pesquisador entender que os deslocamentos e incertezas fazem parte do processo. Corrobora, portanto, com as premissas de que as pesquisas têm que “adentrar” no pesquisador para que haja uma mudança e construção de saber propriamente dito. As docentes que estão à frente do componente cumprem com maestria essa missão de nos engrandecer e contribuir na nossa formação enquanto pesquisadores. Obrigada!



Redes Educativas e os desafios atuais da Cibercultura

21 a 22 de novembro de 2019 - Aracaju - SE

Estudante Edicarla

[..]

A atividade foi realizada on-line, no aplicativo Trello, entre os dias 30/03/2019 e 08/04/2019, e contou com contribuições de todas as mestrandas da turma. Tendo como tema Pesquisa Qualitativa, quantitativa e quali-quantitativa. Desde o início da disciplina, portanto, tivemos que ter o contato com a plataforma digital. E cheguei a chamar a plataforma Trello de Treco, nas horas de dificuldade, extravassando a culpa da minha falta de intimidade na própria plataforma.

Hoje, percebo como foi rica e ao escrever o diário, rememorando o processo (auto) formativo vi que aos poucos fui ganhando “sua amizade”, explorando, colocando figuras (emotions), mudando paisagens, me conquistando aos poucos, nos familiarizando.

[...]

Logo na primeira aula tivemos uma roda, e ouvir das professoras que “a roda tem que girar” era meio “nossa! O que dizer diante delas, somos tão faladeiras, e naquele primeiro dia, estávamos meio quietas, não era medo de se colocar, era, pelo menos no meu caso, não querer decepcionar”. Até neste ponto amadurecemos, aprendemos que temos limites, os confrontamos, alguns são ultrapassados, outros estamos tentando lidar com eles.

Muitas contribuições e aprendizados levamos neste primeiro dia, Boaventura de Souza Santos citado pela autora Ivanilde Apoluceno, nos capítulos indicados para leitura, capítulo 1, sobre as bases epistemológicas das pesquisas em educação, esse processo de busca, de conhecimento, até mesmo de si, um caminho de autoconhecimento para encontro com nosso “eu” paradigma. E o capítulo 6, a necessária volta ao lar na pesquisa, a busca do Sul, voltar para o Sul, uma pesquisa em educação para o Sul, sustentada por bases decoloniais, uma ecologia de saberes.

Hoje, entendemos quando as professoras do componente nos dizem que precisamos buscar construir métodos próprios da educação, saberes que partem da compreensão da historiografia da educação, do nosso percurso enquanto professoras e alunas, para construir novos processos de construção de conhecimento. A importância do Ateliê de Pesquisa, construído pela professora da disciplina, [Ana Lúcia Gomes] logo antes citada, cresce diante desta compreensão, um dispositivo criado por, pela e para a educação.



Redes Educativas e os desafios atuais da Cibercultura

21 a 22 de novembro de 2019 - Aracaju - SE

No início tivemos dificuldades e logo, logo, fomos nos alfabetizando nesta nova plataforma digital, o letramento digital para a nossa geração ainda está, vejo eu, num campo intermediário, quanto a próxima, os mais novos, estão bem à frente de nós, provavelmente teriam menos dificuldade.

[...]

Eu, Orleane Oliveira Jambeiro, graduada em Letras – Língua Inglesa e pós-graduada em Gestão de Organizações Educacionais pela UNEB e especialista em Metodologia de Ensino da Língua Inglesa pela Universidade Católica de Anápolis – GO. Adentrei na educação básica no município de Jacobina/BA, em meados de 2009 após o início da missão de Educar quando partir para a prática transformando tudo o que foi teorizado na universidade. A prática foi transformada em teoria dialogando com o outro e com outros seres teorizantes em contexto de diversidade.

Foi na educação básica que o processo formativo e autoformativo se materializou num trabalho conjunto com o outro. E, durante a participação no Ciclo de formação: Profissão docente em contexto de diversidade, no período de junho a setembro de 2019, que resultou a (re) significação da minha prática pedagógica no processo de ensino e de aprendizagem potencializando as questões de Diversidade como gênero, inclusão e sexualidade. Quanto a incorporar a lei 10.639/03 na minha prática pedagógica, ainda tem sido muito esporádica em sala de aula. Reconheço que essa deve ser uma ação interdisciplinar para obter resultados satisfatórios nas discussões voltadas a lei. A formação acadêmica contribuiu de forma positiva na construção coletiva do conhecimento e de práticas por uma educação para/com/na Diversidade.

Quanto as relações interpessoais com professores, equipe dirigentes e demais funcionários, está se dá de forma parcial e imparcial, tendo em vista o conhecimento a fim de contribuir de forma mais ampla a construção coletiva no processo de ensino e de aprendizagem. O ateliê de pesquisa como dispositivo de construção de conhecimento se configura como espaço de troca de experiência, vivências, saberes e ações que produzem informações, contribuindo para a construção do conhecimento colaborativo e nas discussões para realização da pesquisa. Assim, pude aprender que a arte de pesquisar se dá na relação



Redes Educativas e os desafios atuais da Cibercultura

21 a 22 de novembro de 2019 - Aracaju - SE

pesquisa e vida, ligado ao como fazer, como aprender a fazer e como aprender a ser e estar na docência.

[...]

Diário de Alberthyvania Brasileiro 16 de julho e 23 de julho

*Com o tema **Estudo de caso**: reflexões teórico-conceituais e aplicadas, eu, Vaneza e Carla mediamos mais uma roda de conversa e assim como as demais foi de grande importância para nosso processo de conhecimento. Com a ajuda da professora Ana conseguimos compreender quando a pesquisa é um estudo de caso ou não, dúvida essa que ainda resistia, mesmo após algumas qualificações já terem sido realizadas. Baseados em Marli André compreendemos que o estudo de caso foca um fenômeno particular, levando em conta seu contexto e suas múltiplas dimensões, valorizando-se o aspecto unitário, mas ressaltando-se a necessidade da análise situada e em profundidade. Ressaltou-se que a pressa em dar nome à pesquisa faz com que muitas sejam denominadas estudo de caso. Levantadas algumas questões percebemos que a dúvida de uma era também da maioria e da mesma forma, através de questionamentos, conseguimos compreender o que é um estudo de caso bem como as características do percurso metodológico que o direciona. Outro ponto discutido foi sobre a diferença entre Estudo de Caso e Caso de Ensino, visto que o segundo é um dispositivo que pode ser utilizado em um Estudo de Caso.*

Aproveitamos também, para organizar os primeiros pontos do 7º Ateliê de Pesquisa, ficando definidas as comissões e listadas algumas demandas. Infelizmente cheguei atrasada... problemas com ônibus Bonfim x Jacobina. Perdi boa parte das conversas, mesmo assim tudo é tão enriquecedor que um golinho já mata sua sede. Vamos ao que deu tempo pegar:

Conduzidas pela professora Juliana conversamos sobre os aspectos éticos da pesquisa. Como base utilizamos o texto A pesquisa nos mestrados profissionais em educação: desafios éticos e científicos. (Ana Lúcia Gomes, Jacy Bandeira e Maria Auxiliadora) Diante das dúvidas apresentadas algumas bibliografias foram sugeridas e também o Canal do Youtube Quinquilharia. Dentre várias orientações chamou nossa atenção a necessidade de anotação durante todo processo de produção, o que facilitará esclarecimento na fala de



Redes Educativas e os desafios atuais da Cibercultura

21 a 22 de novembro de 2019 - Aracaju - SE

nosso texto final. Concluímos a aula com algumas demandas para o Ateliê de Pesquisa, bem como entendimento sobre a atividade de campo que precisaremos realizar.

Os deslocamentos realizados pelas leituras de cada diário é um hipertexto que me conduz para distintos lugares, emoções, e novas intertextualidades. Fazem efetivamente e afetivamente a avaliação da nossa prática pedagógica e conseqüentemente dos nossos percursos como formadoras de professores/as-pesquisadores/as. Este movimento intertextual, me leva a Edméa Santos e Marco Silva (2009), ao afirmarem que a educação,

[...] pode lançar mão da metáfora do hipertexto assim entendido para exprimir o perfil da sala de aula engendrada pela coautoria do professor e dos estudantes na construção da aprendizagem e da própria comunicação. A sala de aula não mais centrada na unidirecionalidade do professor é possuidora permanente de diversos centros conectados, nos quais ocorre a constante construção da comunicação e do conhecimento, a renegociação dos atores em jogo. (SANTOS, SILVA, 2009, p. 128).

Esta sala de aula foi por todas nós construída, pelas 15 (quinze mulheres) de modo rizomático como é concebido os Ateliês de Pesquisa e que narraremos no item a seguir. Concepção dos ateliês de pesquisa: o coletivo docente na tessitura do Con-fiar para criação nômade.

A mediadora do Ateliê, professor Ana Lúcia Gomes, iniciou sua narrativa acerca da concepção que alicerça os Ateliês de Pesquisa, dialogando com o coletivo, inspirada nos estudos da Filosofia da Diferença (Deleuze e Guattari), explicitando que “os Ateliês têm como base a construção do ethos da confiança entre o coletivo envolvido criando-se afetos para articulação das diferenças. Para entender melhor a confiança, refletiu o verbo confiar a partir da separação do vocábulo em duas partes (Con-fiar) para fins de compreender as tessituras que o envolvem.” (Diário de bordo, e registro de vídeo- Laís Abreu 11.06.19).

Explicitaremos cada uma dessas partes, que não estão dissociadas, mas compartilhadas, dialogando com os autores (SADE, FERRAZ e ROCHA, 2013.), considerando como



Redes Educativas e os desafios atuais da Cibercultura

21 a 22 de novembro de 2019 - Aracaju - SE

referência o texto intitulado: “O ethos da confiança na pesquisa cartográfica: experiência compartilhada e aumento da potência de agir.”

Segundo (SADE, FERRAZ e ROCHA, 2013, p. 283) “O ethos da confiança tem o sentido de abertura ao plano da experiência e de aumento da potência de agir. [...] encontramos na palavra confiança – con-fiar – fiar com, tecer com, composição e criação com o outro/outrem”. Assim, “CON” vem do tecer junto, do fazer coletivo, de um ethos que advém de uma ética que exige atitude, intervenção. Intervenção que constitui a docência como prática social de engajamento. Engajamento que é pautado na construção de afetos. Os afetos criam laços que desbravam o potencial da fala e da escuta. Fala-se com quem confia e sabe ouvir. O “CON” alia-se ao “FIAR”.

O “FIAR” é da ordem da multiplicidade, do fazer coletivo... vem da fiança estabelecida com o outro, que não envolve dinheiro, mas empatia. São pactuados, contratos tácitos, criam-se redes de afetos e assim se constrói o plano comum e heterogêneo, por meio de fios que se interconectam e se coletivizam na experiência transversalizada. Fiar é do compartilhar. É compartilhar a experiência. É da ordem do rizoma – o não linear.

Para (Sade, Ferraz e Rocha, 2013, p. 284) “[...] a confiança diz respeito tanto ao regime afetivo de articulação quanto à abertura para as transformações decorrentes dessa articulação”. Articulando regimes de afetos, os Ateliês potencializam que pensemos e nos interroguemos sobre como operar nos Ateliês, considerando as subjetividades, as diferenças, enfim nos perguntar: Como fazer para articular as diferenças? Isto é, sair da ordem da queixa para construir alternativas, transformar. Levando-se em conta que não se tem resposta imediata e que a construção emerge dos planos da indignação, reflexão, ação, incerteza e da urgência, as mediadoras dos Ateliês, buscaram romper fronteiras evidenciando que produção do conhecimento e ação são indissociáveis, contudo, não há fórmula prescrita.

É preciso confiar na potência dos encontros (SADE, FERRAZ e ROCHA, 2013, p. 294), pois esta potência fecunda a ordem cartográfica que compõe: agenciamentos, subjetividades, corpos, vidas e o desejo da transformação, a vontade da transgressão. *Ateliê desterritorializa em várias ordens, sobretudo, no que diz respeito ao próprio conceito de pesquisa articulada na diferença. Encerrou afirmando: “Nossas questões de pesquisa são tecidos com vida. Vida pulsante de estudantes, docentes, comunidade escolar que compõe o*



Redes Educativas e os desafios atuais da Cibercultura

21 a 22 de novembro de 2019 - Aracaju - SE

território existencial da escola". (Baseado no Diário de bordo, e registro de vídeo - Laís Abreu 11.06.19 e complementado por Ana Lúcia em coautoria).

Queremos, pois, inspirados nos estudos de Deleuze e Guatarri (1997) e também na pesquisa de autoria de Elmara Souza e Eduardo Oliveira (2013) que também estudam na perspectiva dos estudos dos referidos autores, criar um novo território nos encontros dos Ateliês de Pesquisa no colégio parceiro, por consideramos que é um convite a nos aventurar, de modo a trilhar caminhos diferentes, nos abrir a novos agenciamentos, de modo a nos mobilizar do espaço sedentário, estriado, visando encontrar através da expressividade, das linhas de fuga outras e novas possibilidades. (SOUZA; OLIVEIRA, 2013).

Essas linhas podem ser pontos de singularidades e possibilidades criativas, além de poder ser as que desterritorializam e reterritorializam criando, a partir do nomadismo, novos mundos, nova “vida” e assim tecermos novas questões de pesquisa e vida no coletivo. Deleuze e Guattari (1997, p. 129) dizem que “é nômade todo processo (político, coletivo, individual, psíquico etc.) que traça uma linha de fuga aos aparelhos do Estado sedentário e de seus subprodutos”. Há uma grande diferença entre o espaço sedentário e o nômade: “o espaço sedentário é estriado, cercado por muros e caminhos entre os cercados, enquanto o espaço nômade é marcado apenas por “traços” que se apagam e se deslocam com o trajeto” (DELEUZE E GUATTARI 1997, p.43).

Nosso movimento quer marcar traços e encontrar pelas linhas de fuga, estratégias que nos possibilite educar na/com a diferença em espaços estriados, duros, fechados, mas que na força do coletivo, se abre para os deslocamentos moventes de desejos. Estes desejos lançados no último Ateliê de Pesquisa realizado em 19 de setembro se fizeram concretos e cada um/a das docentes foi convidado/a a partir das pistas lançadas por mim, a elegerem e narrarem uma experiência da sua prática pedagógica em contexto de diversidade, assim como eu narrei a minha sobre os diários de bordo/pesquisa em diálogo com os Ateliês de Pesquisa.

Estes afetamentos com cada estudante, cada docente, colega da educação básica e colega na universidade, me fazem movimentar a rede de afectos e promover com eles e elas no grupo de pesquisa, ou fora dele, por exemplo, o diálogo, a parceria, a escrita colaborativa entre todos e todas nós. Esta experiência me marca pois acompanha os processos, as paradas que fazemos como pausas no campo da experimentação experienciada, da repetição, que nunca é mesma nem igual nas aprendizagens e nas escritas que vamos reescrevendo e que ao



Redes Educativas e os desafios atuais da Cibercultura

21 a 22 de novembro de 2019 - Aracaju - SE

mesmo tempo nos inscreve no texto que escrevemos. Cada linha é conectada a outras linhas, seja combinando outras linhas, ou derivando, saindo da rota, desequilibrando, para produzir outras aprendizagens numa teia rizomática, tecida junta.

Referências

ALVES, Nilda. A experiência da diversidade no cotidiano e suas consequências na formação de professores. In: VICTORIO FILHO, Aldo; MONTEIRO, Solange. (org.). **Cultura e conhecimento de professores**. Rio de Janeiro: DP & A, 2002. p. 13-30.

BARROS, Regina Benevides de; PASSOS, Eduardo. Transversalizar. p. 239-242. In: **Pesquisar na diferença: um abecedário**. FONSECA, Tania Maria Galli; NASCIMENTO, Maria Lívia do, MARASCHIN, Cleci (orgs.) Porto Alegre: Sulina, 2015.

CARDOSO, Cláudia Pons; SILVA, Zuleide Paiva da. Pedagogias feministas no combate ao racismo e às desigualdades de gênero: uma abordagem perspectivista. p.55-68. In: Ana Alice Alcântara Costa, Alexnaldo Teixeira Rodrigues, Elizete Silva Passos. **Gênero e diversidades na gestão educacional**. Salvador: UFBA-NEIM, 2011. 125p.

DELEUZE, G. **Diferença e repetição**. 2. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2006.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. Acerca do ritornelo. In: **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. São Paulo: Editora 34, 1997. v. 4, p. 115-170.

FILHO, Roberto S Teixeira. **A educação sexual nos livros didáticos de Biologia: uma abordagem no campo do currículo**. 2016. 126f. Trabalho Final de Conclusão de (Mestrado Profissional em Educação e Diversidade) – Universidade Estadual da Bahia, Jacobina, 2016.

FILHO, Roberto S Teixeira; SILVA, Ana Lúcia Gomes da. A abordagem da Educação Sexual nos livros didáticos de biologia. **Anais.... II Colóquio Docência e Diversidade na Educação Básica: Políticas, práticas e formação**. Salvador, 2015. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/0ByNLMv5aZLadYTJwLXFLaVoyNIU/view>. Acesso em: abr. 2017.

LOUREIRO, Carlos. **A docência como profissão**. Porto, Portugal. Asa editora; 2001.

SANTOS, Edméa; SILVA, Marco. Conteúdos de aprendizagem na educação *on-line*: inspirar-se no hipertexto In: **Educação & Linguagem** V. 12 N. 19 p. 124-142, JAN.-JUN. 2009.

MOITA LOPES, L. P. Da Linguística Aplicada como lugar de construir verdades contingentes: sexualidades, ética e política. **Gragoatá**, v. 27, p.33-50, 2010.



Redes Educativas e os desafios atuais da Cibercultura

21 a 22 de novembro de 2019 - Aracaju - SE

SARDENBERG, Cecília MB. Considerações introdutórias às pedagogias feministas In: COSTA, Ana Alice Alcantara; TEIXEIRA, Alexnaldo; VANIN, Iole Macedo (orgs.). **Ensino e gênero: Perspectivas Transversais**. Salvador: UFBA - NEIM, 2011.

TRELLO, **Plataforma virtual Trello**. Diário on-line. Universidade do Estado d Bahia- Uneb. 2019. Acesso em 03.nov.2019.